

UMA REINTERPRETAÇÃO DA NOÇÃO DE TELEOLOGIA A PARTIR DO PENSAMENTO DE HANS JONAS

PEDRO MALTA¹;
ROBINSON DOS SANTOS²

¹UFPEl – pedromalta357@gmail.com

² UFPEl – dossantosrobinson@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Com o advento da modernidade, a partir da revolução científica a compreensão de natureza muda radicalmente. Uma das principais consequências da ciência moderna foi a negação dos aspectos teleológicos na explicação da natureza. Entendida apenas pelas leis mecânicas, foi restituída da natureza qualquer vestígio de interioridade, subjetividade e finalidade para a compreensão dos produtos naturais. Nessa perspectiva, enquanto no período antigo Aristóteles tinha introduzido uma concepção teleológica do mundo natural no âmbito do pensamento, a ciência moderna instaura uma ruptura, a qual proíbe a teleologia na explicação do mundo físico. Entretanto, a discussão sobre a noção teleológica continua tendo ainda sua relevância para a reflexão filosófica, um caminho quase inevitável para aqueles que buscaram ou ainda buscam uma possível alternativa à concepção mecânica do ser vivo, esta considerada reducionista demais. Não é por menos que houve um retorno significativo ao discurso teleológico por parte dos filósofos e, até certo ponto, dos biólogos, especialmente nas últimas décadas (Cf. MICHELINI, 2013; MUTSCHLER, 2008). O ponto de partida em comum desses filósofos e biólogos na tentativa de propor uma nova compreensão da natureza está na insuficiência epistemológica na explicação pelas ciências naturais.

Negando à natureza os termos teleológicos, a ciência moderna tinha como objetivo explicar a totalidade dos produtos naturais em termos fisicalistas, ou seja, a partir de algumas propriedades básicas da matéria: dimensão, força, forma, movimento, aceleração etc. Entretanto, a natureza parece nos revelar algo a mais que resiste e atravessa esse tipo de explicação fisicalista/mecanicista, sobretudo aqueles fenômenos naturais que são agora referidos como “biológicos”. É, nesse sentido, que a teoria mecanicista parece ser uma resposta insuficiente na tentativa de explicar os organismos vivos. Não é por acaso que a contribuição kantiana, em particular a reflexão realizada em *Crítica da faculdade de julgar teleológico*, para a compreensão da natureza apresenta-se como primordial. Apesar do limite epistemológico presente em Kant, este já deixa evidente que organismos vivos não podem ter a sua existência compreendida apenas em virtude das forças das leis universais da matéria, mas que necessitam ser considerados em termos teleológicos (Cf. GINSBORG, 2006). E é justamente pela incapacidade de explicar a complexidade da natureza apenas em termos das leis meramente mecânicas que podemos considerar em Hans Jonas a necessidade de analisar e investigar os organismos como tendência à finalidade. Entretanto, a questão que surge a partir da herança kantiana é: a teleologia ainda pode ser relevante na discussão filosófica? É a partir dessa questão tenho como objetivo no presente trabalho apresentar uma proposta de reinterpretação da noção de teleologia a partir do pensamento de Hans Jonas.

2. METODOLOGIA

O procedimento metodológico do trabalho realizado teve o levantamento bibliográfico das principais obras de Hans Jonas, com enfoque para aquelas que tratam do tema da teleologia, a saber: *O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica* (2004), *O princípio responsabilidade: ensaio de uma ética para uma civilização tecnológica* (2006) e *Matéria, espírito e criação* (2010). Além destas três principais obras, foram consultados os artigos de alguns intérpretes da filosofia jonasiana no Brasil e no exterior, a saber: *Teleologie und Dynamik des Mangels bei Hans Jonas* de Francesca Micheleni, *A renovação da teleologia em Hans Jonas* de Wendell Lopes, *Une analyse critique du néo-finalisme dans la philosophie de Hans Jonas* de Gilbert Hottois e obra *La rivoluzione ontologica di Hans Jonas* de Roberto Tibaldeo, entre outros. Além disso, uma vez que o trabalho tenta apresentar as considerações pertinentes do pensamento de Hans Jonas sobre a discussão do conceito de teleologia, a proposta exigiu também uma leitura aproximativa do autor com alguns dos autores que abordaram o tema, entre os quais se destacam Aristóteles e Kant.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na sua proposta de uma nova interpretação do fenômeno da vida, onde faz do conceito de liberdade a pedra de toque para a sua filosofia biológica, Jonas chega a uma perspectiva finalista da natureza. O autor parte da evidência de que diversos fenômenos de finalidade são perceptíveis não apenas nos artefatos, instituições e comportamentos humanos, mas também nos processos mais elementares de todos os seres vivos e na própria natureza. Não é por menos, que a reinterpretação da noção teleológica no pensamento jonasiano, se mostra como “pensar uma biologia filosófica – ou ontologia – que atenda de forma mais exata à construção de um universo psicofísico” (LOPES, 2010, p. 48). Ou seja, uma reinterpretação e, por conseguinte, a reabilitação da teleologia significa, nesse sentido, reconhecer no âmbito da vida o aspecto interno, subjetivo e psíquico, excluído pela compreensão materialista da ciência moderna. Aos olhos de Jonas, “a exclusão da teleologia não é um resultado indutivo, mas sim um decreto apriorístico da ciência moderna” (JONAS, 2004, p. 45). Isso significa que, essa exclusão da teleologia não tem um significado ontológico, ou seja, não afirma que não há causas finais na natureza, “mas que uma explicação em termos de causas finais não seria científico” (HOTTOIS, 1994, p. 99).

Ao recolocar o tema da teleologia na natureza na proposta de sua biologia filosófica, Jonas fomenta, de acordo com ele mesmo e com o título da obra de Roberto Tibaldeo, uma verdadeira “revolução ontológica” (TIBALDEO, 2009, p. 56-57). Trata-se, desse modo, de contrapor a ontologia materialista da ciência moderna, sobretudo a teoria da evolução, ao generalizar seu quadro metodológicos em asserções ontológicas, o que resultou numa verdadeira redução ao material e quantitativo. A cosmologia moderna da realidade se caracteriza por uma visão matemática e mecânica de mundo, cujo resultado mais profundo é a negação da teleologia nos quadros interpretativos da natureza. Isto se deu pelo fato de que foram extintas as causas finais da análise dos processos naturais e do mundo como um todo, restando somente para a análise as determinações materiais e eficientes, o que na modernidade caracterizou-se como determinismo de causas mecânicas. Pode-se dizer que a exclusão da teleologia define os fenômenos naturais

desprovido de algum tipo de valor, objetivados à livre manipulação do homem. Ou seja, a exclusão da finalidade imanente à natureza teve como principal consequência, a ideia de que ela está totalmente sujeita a utilização humana, que é para Jonas uma ideia "grosseiramente antropocêntrica de um universo feito para proveito do ser humano" (JONAS, 2004, p. 44).

A teleologia aristotélica, por exemplo, se tornou um delito grave por sua incompatibilidade com a mecânica e as cosmologias modernas. Ora, negando a teleologia no âmbito da natureza, no mundo mecânico que é o mundo moderno, somente ao homem é dada a capacidade de projetar fins. Ou seja, a teleologia foi relacionada somente à natureza humana. Dessa forma, a dignidade só era um estatuto do ser humano, pois como único ente capaz de estabelecer fins, ele próprio se torna um fim em si mesmo. O mundo dos fins e, conseqüentemente, o mundo dos valores, portanto, são assim expurgados do mundo natural, tendo significado apenas no mundo da pura subjetividade (restrita ao ser humano). O problema da subjetividade, e conseqüentemente da teleologia, se torna, então, uma questão fundamental para a filosofia contemporânea. Para Jonas, uma vez que a filosofia moderna tenha fracassado diante de tal problema, emerge uma necessidade de formular uma nova concepção teleológica do ser. O interesse de Jonas para uma reinterpretação da concepção teleológica no âmbito da vida, para ultrapassar os obstáculos epistemológicos erguidos pela concepção reducionista da biologia científica. Mesmo se utilizando das ferramentas da teoria evolucionista para fundamentar a sua biologia filosófica, de acordo com Hottois "Jonas critica a concepção materialista darwinista da evolução natural em favor do reconhecimento do finalismo" (HOTTOIS, 1994, p. 98). Dessa forma, o autor afirma ser possível pensar a teleologia no decorrer da evolução nas formas mais primitivas da vida até a emergência no ser humano. Assim, de acordo com Barbaras, "a possibilidade de se pensar o aspecto subjetivo nos níveis mais elementares da vida orgânica – é em resposta a este desafio, inclusive, que encontramos a retomada da teleologia em Jonas" (BARBARAS, 2003, p. 69).

4. CONCLUSÕES

O tema da teleologia na filosofia de Jonas é fundamental, e até mesmo podemos dizer, é um ponto chave para a sua biologia filosófica e pode ser encontrado claramente em *O princípio responsabilidade*: "a finalidade [deve ser entendida] enquanto caráter ontológico de um ser" (JONAS, 2006, p. 159). Ou seja, Jonas tenta reconhecer o aspecto subjetivo-interno nos níveis mais elementares da vida orgânica, como dados ontológicos fundamentais do Ser. Dessa forma, a reabilitação da teleologia na biologia filosófica de Jonas pode ser, certamente, designada de neo-finalismo (Cf. LOPES, 2010, p. 47; HOTTOIS, 1994, p. 95), uma vez que define um universo que acolhe finalidades desde o seu núcleo mais elementar. Ou seja, Jonas defende uma concepção de um finalismo no interior do próprio vir-a-ser da natureza, isto é, uma natureza em processo e em evolução. O neo-finalismo jonasiano se apresenta, nesse sentido, como oposição ao niilismo que procede do dualismo moderno, pois reconhece o valor ontológica da teleologia no seio da própria natureza. Se afasta, portanto, do ponto de vista antropocêntrico, o qual enxergou o ser humano como desconectado da natureza e como fonte de todos os fins e valores. Assim, nas palavras de Hottois, "se o homem é efetivamente da natureza, então esta é também do homem, pois uma vez que ela o produziu, ela não pode ser inteiramente estrangeira ao que caracteriza o humano: a

subjetividade, o valor, a finalidade” (HOTTOIS, 1994, p. 99). Desse modo, a reabilitação ontológica do finalismo se estabelece na defesa de que na natureza evolutiva existem finalidades ativas e dadas *a priori*, finalidades que não são produtos da consciência humana, mas efeito da própria evolução orientada para um *telos*. Portanto, o conceito de teleologia, segundo Jonas, não tem somente o objetivo de afirmar a imanência de um finalismo no ser, ele tem também uma função ética, afinal, “pela continuidade do espírito com o organismo e do organismo com a natureza, a ética passa a ser uma parte da filosofia da natureza” (JONAS, 2004, p. 271).

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBARAS, R. **Vie et intentionnalité**. Paris: Vrin, 2003.

GINSBORG, Hannah. Kant's Biological Teleology and its Philosophical Significance. In BIRD, Graham (org). **A Companion to Kant**. Blackwell companions to philosophy; 36. USA. blackwell publishing, 2006. 455-469.

HOTTOIS, G. Une analyse critique du néo-finalisme dans la philosophie de H. Jonas. **Laval théologique et philosophique**, Québec, v. 50, n. 1, p. 95-110, Feb. 1994.

JONAS, H. **O princípio vida**: fundamentos para uma biologia filosófica. Tradução de Carlos Almeida Pereira. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

JONAS, H. **O princípio responsabilidade**: ensaio de uma ética para a civilização tecnológica. Tradução de Marijane Lisboa e Luiz Barros Montez. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

JONAS, H. **Matéria, Espírito e Criação**. Tradução de Wendell E. S. Lopes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

KANT, I. **A crítica da faculdade de julgar**. Tradução de Fernando Costa Mattos. Petrópolis, RJ: Vozes; Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2016 - (Coleção Pensamento Humano).

LOPES, W. E. S. A renovação da teleologia em Hans Jonas: da biologia filosófica aos fundamentos da ética. **Revista de Filosofia Princípios**, Natal, v. 17, n. 28, p. 47-70, jul./dez. 2010.

MICHELINI, F. Teleologie und Dynamik des Mangels bei Hans Jonas. **Naturphilosophie als Grundlage der Naturethik**, Alber, p. 25 - 43, 2013.

MUTSCHLER, H. D. **Introdução à filosofia da natureza**. Trad. Enio Paulo Giachini. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2008. 2v.

TIBALDEO, R. F. **La rivoluzione ontologica di Hans Jonas**: uno studio sulla genesi e il significato di “Organismo e Libertà”. Milano: Mimesis, 2009.